

Lixo importado conquista consumidor de baixa renda

GILSON LUIZ EUZÉBIO

Carros piores que as "carroças" nacionais, sedas falsas, vinhos alemaes fabricados em qualquer outro país, menos na Alemanha, produtos eletrônicos contrabandeados e feitos para durar uma semana, enfim o Brasil aceita tudo que vem de fora. "Todas as mercadorias provenientes da Coreia e Taiwan não têm aceitação nos Estados Unidos e Europa, porque suspeita-se de que contenham resíduos tóxicos", afirma a subsecretária de Defesa do Consumidor do Distrito Federal, Elisa Martins. No Brasil, eles podem entrar à vontade.

"É um mercado que aceita tudo", comenta o presidente da Federação das Indústrias de Brasília(Fibra), Lourival Dantas. Com a abertura do mercado a partir de 1990, importar tornou-se o grande negócio do Brasil: vieram os carros russos, os Lada, mais atrasados tecnologicamente do que os nacionais, que Fernando Collor chamou de "carroças". Os brasileiros descobriram e os importadores mudaram de ramo. Vieram outros, porém. As vendas de uma montadora dispararam quando ela começou a importar determinado modelo. Os brasileiros compraram e se arrependeram:

"Há muita reclamação, esse carro dá muito defeito", confirma Elisa Martins. Uma pesquisa da Confederação Nacional da Indústria(CNI) e do Ibope constatou que 40% dos brasileiros acham os produtos nacionais de melhor qualidade e só 16% ainda acreditam que tudo que vem de fora é melhor. Outros 27% acham que têm a mesma qualidade. O resultado revela, segundo o subchefe do Departamento Econômico da CNI, Flávio Castelo Branco, que as pessoas experimentaram produtos importados e se decepcionaram. Ele acrescenta que a maioria da preferência pelos produtos nacionais concentra-se em camadas da população de menor poder aquisitivo, exatamente as principais vítimas dos importados de qualidade ruim. A população de melhor poder aquisitivo tem à sua escolha importados



Elisa Martins: produtos sem identificação devem ser evitados

de excelente qualidade.

Os produtos vindos do leste asiático normalmente são de qualidade ruim, segundo Castelo Branco. Mas o desconhecimento, a curiosidade, o baixo poder aquisitivo da população cria um excelente mercado para esses produtos. Elisa Martins aconselha as pessoas a não comprar produtos de plástico importados, roupas, principalmente de crianças, e brin-

quedos sem a identificação da fabricante e do país de origem, porque representam risco de intoxicação. Ela ressalta, entretanto, a importância das importações na redução dos preços dos produtos nacionais. A abertura melhorou também a qualidade do produto nacional, segundo Castelo Branco, porque as indústrias puderam trazer insumos e equipamentos mais modernos.

Arquivo 9/9/93

Empresário aponta falta de controle

"Não temos no Brasil nenhum controle de qualidade", reclama Lourival Dantas. Enquanto a Comunidade Européia tenta impedir a entrada em seu território de produtos que não tenham o certificado ISO-9000 de qualidade, o Governo brasileiro não demonstra a menor preocupação com a qualidade dos importados: órgãos, como o Inmetro(Instituto Nacional de Metrologia, Normatização e Qualidade Industrial), são omissos e só na última semana o novo ministro da Indústria e do Comércio, Francisco Dornelles, determinou uma avaliação geral dos importados.

"O ideal seria que fizéssemos como a Comunidade Européia", diz Dantas. Ele reconhece, porém, que seria muito difícil pelo atraso tecnológico da região, especialmente dos parceiros do Brasil no Mercosul(Mercado Comum do Sul). Para Castelo Branco, quem melhor controla a qualidade é o mercado, desde que as empresas nacionais e estrangeiras estejam sujeitas às mesmas regras. De um modo geral, segundo ele, os produtos de qualidade ruim importados estão associados a práticas de dumping. "Há muita exigências das empresas aqui dentro e não se exige nada dos outros", reclama Dantas.

Contrabando - "A grande questão é o contrabando e o Governo tem que tomar providência", discorda Elisa Martins. Segundo ela, os produtos de qualidade ruim entram no País pelo contrabando e os consumidores são as principais vítimas. "Uma coisa que vem da Coréia não tem qualidade. As pessoas sabem que são ruins", confirma uma vendedora de produtos do Paraguai. "É o que elas podem comprar", explica.

Segundo o secretário da Receita Federal, Everardo Maciel, mais de US\$ 12 bilhões entram no Brasil a cada ano em produtos contrabandeados. Esses produtos alimentam as feiras no Distrito Federal e nas principais cidades brasileiras. Mas muitos produtos de péssima qualidade são vendidos também nas lojas e supermercados. (G.L.E.)